

IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 PARA A VISIBILIDADE DA CULTURA DO CANCELAMENTO NAS REDES SOCIAIS

IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON THE VISIBILITY OF THE CANCELLATION CULTURE ON SOCIAL NETWORKS

Gêisa Cláudia Gomes¹

Karen Camargo Arthou Sant' Anna dos Santos²

Yara Evelyng Rabelo Souza³

Gilmar dos Santos Nascimento⁴

RESUMO: O termo “cancelamento virtual”, tema deste artigo, vêm sendo muito debatido nos últimos anos, a prática é usada como forma de penalizar uma pessoa, um grupo ou uma instituição que tenha gerado uma repercussão negativa nas redes sociais, no entanto, o que é pouco debatido são os danos na saúde mental que esses ataques causam no indivíduo afetado por essa prática. O **objetivo** deste artigo é analisar, compreender e identificar os impactos da cultura do cancelamento na saúde mental de usuários de redes sociais considerando o contexto da pandemia Covid-19. Ainda será considerado a forma que esses indivíduos estão se relacionando com as redes durante esse período atípico, e quais as consequências do cancelamento virtual na vida de quem sofre esse veredito. A **metodologia** adotada da pesquisa foi exploratória com método qualitativo à luz da fenomenologia, e para isso foi utilizado o levantamento bibliográfico e questionários semiestruturados que serão respondidos por pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado. Podemos **considerações** que mediante o cancelamento e o linchamento virtual nas redes sociais, geralmente, as vítimas acabam vivenciando lesões que provocam danos, tanto na esfera, psicológica como social.

314

Palavra Chaves: Cultura do cancelamento. Saúde mental. Redes sociais. Covid-19.

ABSTRACT: The term "virtual cancellation", the subject of this article, has been much debated in recent years, the practice is used as a way to penalize a person, a group or an institution that has generated a negative impact on social networks, however, what there is little debate about the damage to mental health that these attacks cause in the individual affected by this practice. The aim of this article is to analyze, understand and identify the impacts of the culture of cancellation on the mental health of users of social networks considering the context of the Covid-19 pandemic. It will still be considered how these individuals are relating to the networks during this atypical period, and what are the

¹ Acadêmica do Centro Universitário Aparício Carvalho – FIMCA graduanda em Psicologia.

² Acadêmica do Centro Universitário Aparício Carvalho – FIMCA graduanda em Psicologia.

³ Acadêmica do Centro Universitário Aparício Carvalho – FIMCA graduanda em Psicologia

⁴ Mestre em Sociologia e Dr. em Ciência Política.

consequences of the virtual cancellation in the lives of those who suffer this verdict. The adopted research methodology was exploratory with a qualitative method in the light of phenomenology, and for this, a bibliographic survey and semi-structured questionnaires were used, which will be answered by people who have had experiences with the researched problem. We can consider that through cancellation and virtual lynching on social networks, victims generally end up experiencing injuries that cause damage, both in the psychological and social sphere.

Keywords: Cancellationculture. Mental health. Social networks. Covid-19.

INTRODUÇÃO

No início de 2020 começou a espalhar as notícias sobre um novo coronavírus que começava a circular pelo mundo. A princípio não havia indícios de que Brasil poderia ser atingido severamente, mas com a chegada do vírus ao país, as autoridades de saúde diante da falta de tratamento passaram a adotar o distanciamento social como forma de contenção da propagação do vírus, com isso, criaram-se novos hábitos para o convívio social, foi onde muitas pessoas recorreram às redes sociais para se manterem conectadas com amigos e entes queridos e para compartilharem informações, tornando o mundo digital a segunda casa de grande parte da população.

315

Com as medidas preventivas de isolamento social impostas pelo Covid-19, até mesmo quem não tinha acesso à internet passaram a acessar as redes sociais, resultando em um crescimento descomunal de pessoas se conectando a essas redes simultaneamente, além disso, tem-se percebido uma mudança progressiva no comportamento das pessoas em relação ao consumo intensivo da internet, causando dependência do uso das redes nas ações cotidianas.

As circunstâncias da pandemia associadas ao uso desenfreado das redes sociais, se tornou uma das principais responsáveis pelo surgimento ou agravamento de transtornos mentais, decorrentes do excesso de notícias, Fake News e do aumento de compartilhamento de opiniões, que por sua vez, devem seguir normas sociais, caso contrário, o indivíduo corre o risco de cair na chamada “cultura do cancelamento”, que nada mais é que a exclusão desse internauta de um determinado grupo como forma de punição.

Este estudo tem como foco inicial as contingências das mudanças que vem ocorrendo ao longo da pandemia nas redes sociais, e na forma que as pessoas estão

interagindo, que nos instigou a aprofundar no estudo. Na delimitação do problema, a atenção foi voltada para os impactos psicológicos que essas interações causam nos usuários das plataformas de comunicação digital, mais especificamente durante a pandemia do novo Coronavírus.

Esta pesquisa ntenciona entender as mudanças nas formas de se relacionar nas redes sociais provocadas pela pandemia Covid-19 e instigar reflexões acerca dessa temática através do método qualitativo, com viés exploratório e delineamento de estudo em pesquisa de campo, logo, o presente trabalho pretende analisar os impactos da cultura do cancelamento nas redes sociais durante a pandemia Covid-19 que o mundo está atravessando.

RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM AS REDES SOCIAIS

Os usuários das redes sociais adotam regras de conduta de uma figura ideal, idealizadas em meio a esse mundo virtual, e passam adotá-las em seu estilo de vida com a expectativa de serem aceitos e incluídos, acontece que frequentemente esses comportamentos são prejudiciais ao indivíduo e ao convívio social. Erving Goffman (2002), foi um sociólogo Canadense que estudou o comportamento humano e a encenação da vida cotidiana do indivíduo. Em seus estudos trouxe a luz o termo “fachada”, que se refere ao equipamento expressivo de tipo padronizado, que é usado pelo indivíduo de modo intencional e inconsciente durante a sua atuação. (MARCIEL e BERBEL, 2015).

Goffman (2011), teorizou, em seu livro *A Representação do eu na vida cotidiana* (1959), sobre fachadas erradas antes mesmo da iniciação das práticas de linchamentos virtuais, que diz respeito ao controle e punição das pessoas. Segundo ele, cada indivíduo adota uma fachada para si próprio com base nas regras sociais as quais está inserido, que no que lhe concerne irá conduzir os comportamentos desse indivíduo. Segundo o autor supracitado, o termo fachadas refere-se aos valores sociais que as pessoas adotam com base numa linha de pensamento que os outros tomam para si. Com isso, após adotar essas práticas, esse indivíduo está assumindo como dever resguardar essas fachadas socialmente, fazendo o possível para que a sua interação corresponda à fachada esperada.

De acordo com Brasileiro & Azevedo (2020), os próprios perfis de redes sociais criados para comentar a vida das celebridades e subcelebridades podem ser considerados e

intitulados como tribunais digitais. Sendo que qualquer um por trás de um perfil com número considerável de seguidores, pode se comportar como “juiz” expondo o indivíduo para que seja julgado.

Os perfis de pessoas que perdem suas fachadas⁵ são expostos para que o público digital bata o martelo, se o indivíduo é inocente ou culpado. Se considerado culpado, o cancelamento virtual acontece e essas pessoas passam a sofrer as consequências desse veredito, e os perfis que monitoram a vida das pessoas que perderam suas fachadas se beneficiam desses “erros”.

Quando se trata de redes sociais, a primeira coisa que vem à mente são plataformas como Facebook, Twitter e LinkedIn ou Snapchat e Instagram, os mais usados na atualidade. No entanto, a ideia é bem antiga na sociologia, por exemplo. O conceito de redes sociais é usado para analisar a interatividade entre indivíduos, grupos, organizações e até mesmo toda a sociedade desde o final do século XIX. Na *internet*, as redes sociais têm gerado discussões como a falta de privacidade, mas também têm contribuído para o levantamento de discussões de pautas públicas. Com essas plataformas criou-se uma forma de relacionamento entre a empresa e clientes, para preparar o caminho para a interação e o lançamento de produtos, ou serviços (SILVA; GUIMARÃES; MOHEDANO, 2019).

As plataformas midiáticas privilegiam a atenção dos jovens para seus corpos, estética e modelos corporais de outros países. O comportamento de muitas pessoas parece ser baseado em uma norma a ser seguida, como condição para ser aceito, incentivando-as a dietas excêntricas, a consumo de remédios e alternativas para alcançar um corpo perfeito (PETROSKI; PELEGRINI; GLANER, 2012).

Afim de alcançar o que tanto almeja como reconhecimento através de likes, comentários, sentimentos de pertencimento de grupo.

O USO DAS REDES SOCIAIS ASSOCIADO À PANDEMIA COVID-19

Antes do período de isolamento social as redes sociais eram usadas para compartilhar fotos ao ar livre e encontros entre amigos e familiares, por exemplo, o que contrasta com o atual cenário de pandemia que o mundo se encontra. Onde os contextos foram restringidos ao ambiente domésticos, o que contribuiu para aumento da frequência como *lives* em casa, uso de serviços de delivery, sendo perceptível que trabalhos,

academias, escolas e outras atividades estavam sendo realizadas no lar. Numa época em que os encontros presenciais são sinônimos de risco de contaminação. Com isso, o uso das redes sociais aumentou consideravelmente, tendo em vista que, agora o “estar presente” se tornou “estar online” na maioria das vezes. Educação, segurança e saúde estão sendo diretamente beneficiadas pela tecnologia. Os sistemas de gestão da informação tornaram-se mais eficientes, é perceptível a ascensão, que integram plataformas e diferentes recursos para promover o bem-estar social.

Segundo Vermelho et. al. (2014), às tecnologias inovadoras possibilitaram a produção de plataformas de comunicação mais interativas, permitindo que os indivíduos não precisassem mais ficar presos no tempo e espaço para se comunicarem, tornando a comunicação mais prática. Basta apenas um clique para se ter acesso a informações sobre diversos temas e para contatar quem está distante. Os nascidos após 1995 foram inseridos em um modelo de comunicação tecnológica que atuam através das mídias.

Para Kotler (2010), em virtude da fácil acessibilidade para se obter informações e às ferramentas de comunicação, passou-se a ter mais liberdade de expressão e as pessoas passaram a poder participar de forma mais dinâmica das mobilizações na *internet* e a trocar informações a qualquer momento através dessas redes. Desse modo, esse cenário impõe desafios aos profissionais que atuam na área da comunicação, uma vez que, estes precisam fornecer ao público experiências envolventes, e também buscar a transformação da sociedade.

O “estar online” deu continuidade inclusive ao fazer justiça com as próprias mãos de uma forma simbólica, agora com os cancelamentos nas redes sociais. Essa tal justiça já era existente desde o início da civilização mais antiga, onde aconteciam cenas de tortura e humilhação em praças públicas, como na Idade Média, e até puniam crimes usando o dilema “olho por olho, dente por dente”, através da Lei Talião da Mesopotâmia. Dado que a sociedade passou por mudanças ao longo do tempo e com isso ocorreu a abolição dessa cultura, hoje ela é praticada de formas diferentes, mas ainda assim tem muitas consequências que podem ser irreversíveis (BARBOSA; SPECIMILLE, 2020, p. 13).

Com o distanciamento social causado pela pandemia COVID-19, o uso das redes sociais através de computadores tem se tornado cada vez maior. Já o tempo médio de uso de computadores ou tablets foi de mais de 5 horas durante a pandemia, o que representou

um aumento médio de 1 hora e 30 minutos, comparado ao tempo de uso anterior. O maior tempo médio de uso observado em jovens de 18 a 29 anos foi de 7 horas e 15 minutos de uso, o que significa que quase 3 horas foram adicionadas ao longo do tempo de uso comparado a antes da pandemia (MALTA et al., 2020).

As redes sociais e a *internet* de maneira geral na pandemia também oferecem benefícios para muitas pessoas, abrindo possibilidades para o modelo de trabalho *home office*, aulas *on-line* e adoção de novas estratégias de marketing digital. Com o surgimento do novo Coronavírus (Covid-19) e conseqüentemente com o isolamento social, o uso de plataformas *on-line* foi potencializado, trazendo um novo olhar diante da pandemia, possibilitando que as pessoas ressignificassem e reinventassem suas rotinas através do método digital.

Diante do contexto atual, podemos dizer que a sociabilidade digital é essencial, ainda que continue a sofrer constantes mudanças, conforme a incorporação de novas tecnologias, continuarão sendo importantes mesmo após o término da quarentena.

319

CULTURA DO CANCELAMENTO

Para que seja entendido o que é cultura do cancelamento, precisamos esclarecer o significado da palavra cultura, que por sua complexidade recebe diferentes conceituações, aqui iremos buscar o que conceitua o Lévy (2010).

Para ele “Cultura é o conjunto de atividades e hábitos que diferem uma pessoa ou uma nação das demais, por exemplo uma dança, música, roupa, crenças ou doutrinas morais. De algum modo com padrão estético semelhante”.

Ainda segundo Williams (1975), podemos apontá-la como um marcador cultural, por envolver tanto os artefatos como os sistemas de significação e comunicação que demarcam e discerni nosso modo de vida contemporâneo dos demais.

Desta forma as questões culturais deram significado às tecnologias, como por exemplo: o celular, tendo em vista que o mais importante é desde as crenças as inovações desenvolvidas pelos indivíduos e a partir dessas as diferentes utilidades que os sujeitos fazem com as tecnologias de comunicação com diferentes conseqüências.

Assim, a prática da cultura do cancelamento se dá com o ato da exclusão de um indivíduo, um grupo ou marca que tenha uma posição significativa de poder e influência, após cometerem atos considerados nocivos ou errados.

Dito isto podemos dissertar sobre o tema à cultura do cancelamento, que dentro destes padrões e das tecnologias segundo Brasileiro e Azevedo (2020) o cancelamento digital tende a retirar das pessoas a atenção social positiva e enquadrar os indivíduos em fachadas negativas após passarem pelos tribunais digitais, quanto maior o cancelamento e linchamento social for, maior será a proporção e encorajamento de mais pessoas a adotarem esses tipos de práticas. Portanto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre as causas e consequências dessa prática na vida dos indivíduos afetados.

Ao investigar sobre a origem do cancelamento e como este acontece, chegamos em 1968, onde uma importante descoberta em Kerameikos, localizado na Grécia, foi realizada por pesquisadores do Instituto Arqueológico Alemão, encontraram evidências de um polo produtor de cerâmica situado a noroeste de Acrópole, em torno de 487 a.C. e 416 a.C., em um sítio arqueológico ateniense. Foram descobertos 8.500 óstracos, (palavra que se remete a coisas duras e inflexíveis), usados como uma espécie de cédulas de votações em Atenas. Eleições para o cancelamento de pessoas e não para aprovar leis ou eleger representantes. (BATTAGLIA,2021)

Como resultado destas votações surge uma prática chamada de ostracismo, que consistia em um processo consensual entre os cidadãos para exiliar quem apresentava algum risco a comunidade ou à ordem pública, assim recebendo sua sentença, retirar-se da região por um período de dez anos.

No decorrer da pesquisa do Instituto Arqueológico Alemão foi constatado que o cancelamento também estava presente na idade média, porém diferente dos atenienses que optavam pelo exílio, neste novo período a sentença era dada através das humilhações em praça pública, um dos instrumentos utilizados era a berlinda (uma espécie de colar de madeira que o condenado tinha que obrigatoriamente introduzir a cabeça e as mãos), e conforme a gravidade do crime a população jogava no acusado em casos leves ovos, frutas, e vegetais e nos casos mais graves valiam panelas, pedras e até mesmo animais mortos.(BATTAGLIA,2021)

O exílio e a humilhação pública utilizados como sentenças caíram em desuso no século 18, com a chegada do Iluminismo, que trouxe o conceito de prisão que é praticado até hoje, teoricamente com o objetivo de reeducar. Atualmente, em parte a reeducação tem se dado através das plataformas digitais.

Trazendo isso para atualidade é possível perceber sujeitos que utilizam as redes sociais de maneira para se favorecer ao representar marcas e seus produtos com fins econômicos, para tal, buscam moldar estrategicamente seus comportamentos com objetivo de serem reconhecidos como *influencer*⁷.

Diante da relação que se estabelece entre indivíduo e o mercado na presença de outras pessoas passa a se comportar de forma confirmatória para não passar despercebido, pois, para que suas atividades tenham significados para os outros é necessário que ele se mobilize para expressar o que ele tem para transmitir, sendo assim, durante a interação além de transmitir suas qualidades ele também precisa demonstrá-la de maneira instantânea (GOFFMAN, 2002).

321

O uso das redes sociais tem sido potencializado devido à facilidade de acesso em aparelhos celulares e tablets que possibilitam a comunicação, educação e entretenimento à distância, o que gera impactos positivos e negativos na sociedade tais como: ferramenta home office ou instrumento para excitação de ódio. Essas ferramentas cada vez mais estão tomando grandes proporções e estão criando formas de interações sociais, além de ter um poder muito forte de influência na vida das pessoas, podendo promover mudanças de comportamentos radicais, tanto nas relações pessoais como grupais.

Souza, Valentim e Canal (2017) afirmam que com o aumento do uso das redes as relações se tornam cada vez mais líquidas, impedindo assim muitas vezes que haja uma comunicação direta no mundo social fora das redes sociais, no entanto, o ser humano tem necessidade de relacionar-se com o outro fisicamente para que haja desenvolvimento na interação dos indivíduos na sociedade, sendo assim, nenhuma outra forma que não seja presencial pode substituir a proximidade real, a qual permite expressão de subjetividade da maneira mais natural possível.

⁷ Definição dada as pessoas que são capazes de influenciar outras pessoas através de suas produções de conteúdos nas redes sociais.

Os perfis de pessoas que perdem suas fachadas são expostos para que o público digital bata o martelo, se o indivíduo é inocente ou culpado. Se considerado culpado o linchamento virtual acontece e essas pessoas expostas passam a sofrer as consequências desse ‘veredito’, e os perfis que monitoram a vida das pessoas que perderam suas fachadas se beneficiam desses “erros”.

Magrani (2014) afirma que *internet* possui um papel democrático na vida das pessoas, porém de alguma forma ainda é limitada e nem todas as pessoas têm acesso a ela, o que resulta na exclusão dessas pessoas, que acabam não participando de debates públicos na esfera social democrática, ou seja, conseqüentemente sendo também excluídos da sociedade. Por ser uma ferramenta em que as pessoas publicam suas opiniões de forma livre as redes sociais exercem esse papel de democracia e conecta as pessoas contribuindo para o desenvolvimento de uma inteligência coletiva que possibilita compreender melhor os movimentos sociais.

Embora contribua para a ampliação dos fenômenos sociais, as redes sociais são utilizadas em várias situações para disseminar ódio contra pessoas que são consideradas “fora do padrão social” ou que mantêm comportamentos fora daquilo que é esperado pela sociedade. De modo geral, dessa forma, os ataques quando lançados acabam atingindo a grupos, não somente alguns indivíduos, devido à facilidade de propagação de compartilhamentos.

As redes sociais são um espaço público disponibilizado pela *internet* de grande importância para a mobilização e socialização das pessoas, utilizar essa ferramenta de forma justa contribui para a democracia, liberdade de expressão e abre margem para a garantia de direitos constitucionais, mas quando usado de maneira irresponsável pode causar grandes danos a grupos, e também podem ferir esses direitos constitucionais, gerando penalizações previstas em lei.

De acordo com Pires (2020) O termo “cancelamento virtual” aparece com frequência nas redes sociais e se tornou um dos temas mais comentados na atualidade. Segundo uma pesquisa feita pela autora, as pesquisas no Google sobre o assunto aumentaram em cerca de 1200% entre maio e julho de 2020.

Uma pessoa pode ser cancelada simplesmente por fazer ou dizer algo intolerável aos olhos da sociedade, onde muitos estão em processo de desconstrução social. As pessoas

possuem vivências diferentes e muitas vezes não conseguem antever possíveis erros, dado que, o que é considerado erro para alguns, para outros não é, em razão da criação que a pessoa recebeu, tendo em vista que, cada grupo tem seus costumes, mas as pessoas não perdoam, e a punição para o tribunal digital é como uma forma de educar.

REDES SOCIAIS NA SOCIEDADE HOJE

Atualmente, o uso das novas tecnologias digitais e das redes sociais possuem a *internet* como ponto central, resultando em uma cultura específica que vem sendo denominada cyber cultura. De forma genérica, esse termo pode ser definido como o conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais aflorantes a partir da década de 1970, com a afluência das telecomunicações, da informática e da sociabilidade da mobilização cultural da época (CASTELLS, 1999).

Wasserman e Faust (2007) definem rede social como: “Um conjunto de relações que incluem laços familiares, amizades, contextos de trabalho, estabelecendo relações de confiança e dependência”. Ainda não temos uma previsão de quando a quarentena irá acabar, mas o fato é que a maneira que o público se relaciona com as redes sociais, as estratégias que as empresas têm utilizado e a interação social mudou muito, e provavelmente nunca mais serão os mesmos.

Mesmo as redes sociais tendo se tornado uma forte aliada para muitas pessoas durante o isolamento social, podemos dizer que esse movimento acabou gerando transtornos psicológicos em uma parte da população devido ao excesso de informações.

Diante disso, Gobbi (2010) aponta que as relações entre as pessoas ganham proporções maiores em plataformas virtuais, onde a confiança e a colaboração transcendem as relações online e possibilitam a permanência de muitos grupos em rede. Este fato dá início ao conceito de sociabilidade virtual, que, a partir deste ponto de vista, acontece através de grupos e de comunidades que se dão como fator de união que supre meios para inclusão social e participação na vida pública e que tendem ao favorecimento da busca por soluções que tragam benefícios para todos.

O Brasil, não possuía um histórico de utilização de redes sociais para o engajamento político e participação em movimentos sociais, mas vem apresentando diversas manifestações contra o governo e contramedidas que possivelmente afetam a vida dos

cidadãos de forma direta, alterando procedimentos de investigação de crimes. Isso evidencia o amadurecimento da população e a realidade de como os usuários usaram essas tecnologias a favor de movimentos sociais e questões políticas (BERNARDINI; GOBBI, 2013).

Santos e Santos (2014) sintetizam que quando o sujeito seleciona quem pode ser o seu “amigo” em uma rede social, ele está delineando seu território e construindo e reconstruindo ao mesmo tempo, sua identidade. Logo, ao delinear seu ambiente virtual, o usuário passa a criar suas próprias regras dentro desse espaço, procedendo os critérios de aceitação das relações, instituindo os conteúdos de seu interesse, os compartilhamentos que atribui como relevante se as pessoas com quem irá estabelecer essa interação.

Mesmo as publicações dos usuários das redes sociais sendo acessível a todos, elas são direcionadas a apenas algumas pessoas, pois são destinadas a atingirem um determinado grupo de pessoas de um mesmo nicho, o que comprova a possibilidade de que há esses limites nas redes sociais. Com base nessa perspectiva, esses aparatos comunicacionais dispõem de aspectos territoriais, tendo em vista que também se configuram por demarcações que restringem ou possibilitam relações sociais, sendo assim, são vistas como lugar de poder e de controle (SANTOS; SANTOS, 2014).

324

CAMINHOS DA PESQUISA

Existe um conjunto de pesquisas sobre os episódios de cancelamento nas plataformas digitais (BATTAGLIA, R.;BRASILEIRO, F. S.; DE AZEVEDO, J. V.;MAGALHÃES, Camila.) reafirmamos a importância deste trabalho em propiciar reflexões acerca da relação sujeito e sociedade com as redes sociais, sendo de extrema importância para comunidade científica compreender o fenômeno digital que ganhou grande visibilidade no período da pandemia, onde foi percebido uma significativa mudança no estilo de vida, principalmente na maneira em que as pessoas estão se relacionando no meio virtual, visto que, o isolamento social proporcionou novas formas de se comunicar à distância. (GOFFMAN, 2002; BRASILEIRO, &DE AZEVEDO, 2020; BATTAGLIA, 2021; KENOBY, 2007)

Esta pesquisa intencionou entender as mudanças na forma em que as pessoas se relacionam nas plataformas digitais, em especial no período da pandemia Covid-19 e

instigar as observações feitas acerca dessa temática através do método qualitativo, com viés exploratório e delineamento de estudo em pesquisa de campo, logo, o presente artigo pretende analisar os impactos da cultura do cancelamento nas redes sociais durante a pandemia COVID-19 .

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil, base nacional e consolidada de averbações de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP, foram encaminhadas para os participantes convites digitais autoexplicativos referentes a pesquisa e seus objetivos, solicitando o de acordo, conforme os critério do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após o ciente do participante, foi enviado um link com o questionário de autoaplicação, todo o processo de pesquisa foi trabalhado de maneira virtual em cumprimento as medidas de segurança, dos participantes e pesquisadores em virtude da pandemia mundial COVID-19.

As informações coletadas foram analisadas segundo as diretrizes do método de categorização de conteúdo proposto por Bardin (2008). De tal maneira, realizou-se inicialmente uma leitura flutuante das falas dos respondentes, na sequência iniciou-se o processo de análise dos relatos das entrevistas e o levantamento da frequência das falas e dos conteúdos recorrentes, buscando-se captar as semelhanças e/ou contradições que melhor revelassem as percepções dos pesquisados sobre suas vivencias.

Por fim, a pesquisa para elaboração deste artigo se desenvolveu a partir de levantamentos em livros, artigos, revistas, sites, redes sociais e documentos e entrevistas com atores envolvidos em situações conhecida como de cancelamento

No que é pertinente ao perfil sociodemográfico dos pesquisados, verificou-se o perfil profissional dos participantes do estudo, atuantes nas áreas de: *marketing*, jornalismo e influenciadores digitais, sendo estas 70% mulheres e 30% homens. Com tempo médio de atuação nas redes sociais entre 2 e 3 horas sendo um percentual de (14,3%) e (57,1%).

A média de seguidores dos pesquisados é entre dois mil e trinta mil usuários, dentro dos critérios estabelecidos para os participantes que responderam às perguntas que serão comentadas a seguir.⁴

RESULTADOS

De acordo com as respostas dos entrevistados e apedidos desses, serão utilizadas no artigo codinomes para os participantes⁶, garantindo assim o anonimato, em função da própria temática aqui estudada.

Para você, pertencer a um grupo nas redes sociais é importante? Por quê?

Azul- Não necessariamente importante, mas a troca de conhecimento pode ser aproveitado de certa forma. Até Porque quando você compartilha suas experiências e seu dia a dia com um grupo no qual você pertence faz com que isso seja validado para você e para os outros.

Branco- Dependendo do contexto. No meu caso, é importante devido ao fato de eu trabalhar diretamente com elas. Mas ainda que esse não fosse o caso, ainda mais em um contexto de pandemia, faz-se importante para o desenvolvimento de relações interpessoais além de favorecer o bem-estar mental através do contato com outras pessoas, nem que seja de maneira virtual.

Verde- Sim e não! As vezes focar em pertencer a um grupo custa muito a sua saúde mental.

Amarelo- Sim, por causa do meu trabalho.

Roxo- Sim é muito importante, através das redes sociais consigo desenvolver meu trabalho com mídia, publicidade, propaganda e entretenimento.

A etimologia da palavra pertencimento vem de *pertinesc(e)re*, que significa “ser propriedade de” (CONSTÂNCIO, 1836), a importância de fazer parte de um gruporefere-se pelo menos, duas perspectivas: uma aliada aosentimento por um espaço territorial, como por exemplo auma realidade política, econômica, social e étnica, e a outra,compreendida a partir do sentimento de introdução do sujeito sentir-se incluídoa um todo maior, numadimensão não apenas concreta, mas também abstrata esubjetiva. (Lestinge, 2004, p. 40)

Baseando-se nas respostas dos entrevistados foi observado uma dualidade de opiniões, o que nos leva a considerar que a importância do pertencimento a um grupo social digital não é unanime, portanto para alguns dos participantes é relevante para a evolução de seu trabalho assim como, para outros, sua ascensão nas plataformas sociais.

⁶ Não foi autorizado as pesquisadoras utilizarem o nome verdadeiro dos entrevistados, os mesmos solicitaram pelo anonimato.

Como fica explícito nas opiniões entre os participantes **Azul** e **Roxo**, onde o primeiro não vê uma significativa importância de pertencer ou não a um grupo, mas, evidência a troca de experiência e validação entre o indivíduo e o grupo; já o segundo integrante menciona que há uma grande relevância, uma vez que o mesmo trabalha através do ambiente digital oferecido pelas redes sociais.

Você tem medo do feedback negativo dos grupos sociais virtuais a que pertence? Por quê?

Azul-Sim. Porque a opinião do outro dependendo da forma que é expressa pode fazer você duvidar de si mesmo.

Branco-Sim. Quanto mais pessoas fazem parte de nosso ciclo, mais é nossa vontade de aceitação. Ninguém gosta de ser reprovado ou ter alguma atitude reprovada. E o medo de errar ou ser visto como errado, ao menos para mim, é real.

Roxo- Ah sim, sempre há medo, porém esse medo não me faz refém da aceitação do povo, eu faço e ofereço meu trabalho, depende das pessoas se identificar e compartilhar os conteúdos que ofereço.

327

Destacou-se as principais respostas, observa-se que na maioria existe o medo. O medo é uma emoção completamente natural que surge em diversos contextos, podendo ser fundamentado ou irracional e nos fazem estar em estado de alerta. Emoção esta que surge paralelamente na busca do reconhecimento.

É perceptível na maioria das falas dos entrevistados exatamente este sentimento, do receio a negativa e inquietude quanto a possibilidade de não aceitação de seus conteúdos. O que aponta para um discurso de aceitação, as redes sociais como território de inclusão, de sentimento de pertencimento e não de rejeição.

Assim como foi declarado pelo participante **Branco**, em sua fala foi destacado o anseio pela aceitação e receio de ter alguma atitude reprovada pelo público. O medo de errar é evidente em sua resposta.

Que impactos negativos você obteve após o cancelamento?

Azul-Medo de expressar opinião novamente nas redes sociais, receio de postar algo e ser julgado.

Branco-Primeira frustração, o que prejudica minha criatividade e até mesmo o desejo de fazer algo novo. Depois, sensação de estar sendo julgado por todos. Em seguida tristeza, por mais que minhas ações sejam majoritariamente boas, o

sentimento de ser cancelado, faz-nos sentir como se essas coisas boas não existissem.

Roxo- Até o momento não houve nenhuma situação que tenha gerado cancelamento nas redes sociais comigo. Ao ver as pessoas que passaram por isso tenho muita cautela para desenvolver esse trabalho, para que não tenha nenhuma postura que venha causar algum mal a alguém e até gerando um cancelamento para mim.

Para tudo há consequências, dentre elas as que levam ao cancelamento, comprometendo completamente a vida da pessoa. Como consequências possíveis podemos citar: perda de seguidores, dinheiro, patrocínios, moral e carinho dos fãs, simultaneamente outros prejuízos como na criatividade, autoestima e segurança.

A obtenção de tais perdas foram expressivas e relevantes nas explicações dos entrevistados. O **Azul** e o **Branco** demonstram em suas respostas prejuízo na esfera da criatividade e no surgimento de sentimentos de insegurança acompanhadas por tristeza, dúvidas sobre a própria conduta, medo de julgamentos, forte vigilância para as próximas interações nas redes e perda da motivação, já o entrevistado **Roxo** mesmo respondendo que ainda não vivenciou o cancelamento, relata cautela para desenvolver suas atividades nas redes sociais, para que nenhuma atitude possa gerar descontentamento do seu público e consequentemente a experiência do cancelamento.

328

Você sente que o cancelamento trouxe prejuízo para a sua saúde mental? Como?

Azul-Sim, com toda certeza. É como se mexesse com sua autoestima, você não tem ânimo para fazer outras coisas porque fica remoendo o acontecido, passa a duvidar de si mesmo. Sente vergonha de aparecer novamente nas redes sociais.

Branco - A princípio sim, mas com o tempo e na terapia entendi que isso faz parte do processo de exposição e do decorrer do aumento do nosso ciclo social.

Amarelo- Como já disse, não fui cancelado, mas atacado injustamente. Isso mexe com a nossa mente.

A cultura do cancelamento pode fazer parte dos fatores de risco para a saúde mental, tendo em vista que parte dos entrevistados faz acompanhamento psicológico para lidarem com as consequências desse fenômeno. É importante ressaltar que o cancelamento pode agravar gatilhos de transtornos mentais como: ansiedade, depressão, pânico com ou sem consumo de substâncias, entre outros aspectos citados ao longo do artigo. Portanto observa-se a necessidade da disponibilização de uma rede de apoio e um novo olhar para esta experiência que precisará ser ressignificada.

Na resposta do **Branco** é evidente a importância do papel da terapia em auxiliar na ressignificação do evento que causou dano em sua saúde mental, entendendo que faz parte do processo, quando se é uma figura pública, estando sujeito a esses eventos. O que complementa com a fala do **Azul**, que revela que quando passou pelo cancelamento sua autoestima foi afetada, perda da confiança em si próprio, falta de ânimo para produção de conteúdo e constrangimento.

Que tipos de estratégias você utilizou/utiliza para evitar frustrar seu público ou comunidade nas redes sociais?

Azul-Primeiramente faço terapia, mas também não expor tanto a minha vida ajuda a evitar isso, assuntos polêmicos como política, religião etc. não são tão comentados porque geram muito discurso de ódio. E muitas vezes bloquear e ignorar pessoas que me afetam negativamente assim, pois entendi que não irei agradar a todos e tá tudo bem.

Branco-Evitando assuntos polêmicos, que incitem diretamente posicionamentos políticos, religiosos ou esportistas.

Verde- Sou eu mesma e não finjo viver algo irreal.

Amarelo-Não público tudo sobre mim e nem me envolvo em polêmicas

Roxo- Na verdade eu busco não frustrar a mim como pessoa, as pessoas é impossível manter esse controle, procuro sempre cuidar da minha saúde mental, promovendo inteligência emocional para lidar com os desafios do cotidiano que está sempre presente no dia a dia.

A maioria das pessoas que possuem um público expressivo, provavelmente uma hora ou outra irão frustrar seus seguidores, contudo os mesmos acabam adotando estratégias para evitar esses cenários.

Algumas das estratégias que obtivemos com esta pesquisa foram as de evitar exposição em demasia nas redes sociais e esquivar-se de assuntos considerados polêmicos como: religião, política e esportista.

As respostas do **Branco**, **Amarelo** e **Roxo** complementam exatamente o que foi mencionado no parágrafo anterior, em que evitar a exposição em excesso, assuntos polêmicos e se pondo em primeiro lugar na promoção de saúde mental ajudam a esquivar-se de possíveis cancelamentos.

Que estratégias você utilizou para superar o cancelamento?

Azul-Terapia. Não absorver tudo que o outro atrás da tela me oferece, entender que haverá pessoas que irão concordar comigo e pessoas que irão discordar, afastamento por um tempo das redes sociais. E autoconhecimento.

Branco-Terapia e conversa com pessoas que já tinham passado pelo mesmo.

Verde- Se eu tivesse sido cancelada, com certeza investiria 100% na saúde mental.

Amarelo-Procurei ignorar

Roxo-(sem resposta)

As estratégias utilizadas pelos nossos participantes foram em primeiro momento buscar fazer terapia, priorizando sua saúde mental, presumindo que foi afetada, tendo ainda a compreensão de não absorver as reações negativas advindas de seu público.

Percebemos nas respostas quase unânimes entre os entrevistados **Azul**, **Branco** e **Verde** em dar a devida importância a saúde mental no interesse e na procura de ajuda e orientação psicológica.

Vale ressaltar que a pessoa que foi cancelada deve ter um entendimento que o público não é o parâmetro real de si mesmo, desligando-se por alguns momentos do mundo virtual e fortalecendo nossos vínculos com aquelas pessoas que estão próximas, conhecedoras das nossas subjetividades e que nos valorizam. (MAGALHÃES, 2021)

330

CONSIDERAÇÕES

De acordo com a pesquisa desenvolvida, percebe-se os efeitos do cancelamento de formas diferentes para cada indivíduo pesquisado, contudo não há divergências de que as redes sociais são muito úteis e eficazes quando se trata de comunicabilidade trazendo benefícios para usuários, como ferramenta facilitadora de comunicação entre as pessoas e o mundo.

Mas em nossa sociedade, visivelmente em crise de identidade por conta do isolamento social, existe uma preocupação com a aceitação e validação do público, pois o cancelamento e linchamento virtual são uma adaptação de algo que já existiu e foi abolido (ostracismo), mas hoje é incorporado pelas redes sociais pelos mais diversos interesses, sejam eles políticos, ideológicos, religiosos e esportistas.

A vítima do cancelamento ou linchamento, com frequência, sofre ainda com as consequências relacionadas a saúde mental, causando um possível desgaste emocional, desencadeando, crise do pânico, angústia, depressão e ideação suicida atenta contra a própria vida, devido a ataques advindas das redes sociais, por questões que poderiam ser resolvidas de outros meios, como por exemplo de forma sigilosa e privada.

Diante de todo exposto no artigo, conclui-se que a violência via redes sociais existe e ocorre diariamente, com isso, há sempre lesões que provocam danos, tanto na esfera, psicológica e social. A velocidade das plataformas digitais muito contribui para uma relação interpessoal e intrapessoal, estreitando vínculos entre o público e seus comunicadores *influencers*, da mesma forma, causa danos profundos aos direitos da personalidade, dignidade e liberdade.

REFERÊNCIAS

AMARELO, Depoimento sobre os Impactos da pandemia COVID-19 para a visibilidade da cultura do cancelamento nas redes sociais. Entrevista concedida a Gêisa Claudia Gomes, Karen Camargo Arthou Sant' Anna dos Santos e Yara Evelyng Rabelo Souza. Em 1 de outubro de 2021.

ARAÚJO, M. V. G. Uma breve compreensão sobre o Dasein de Heidegger. **Revista Lampejo**, v. 2, n. 6, p. 200-206, 2014. Disponível em: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao6/Volume%2006_Lampejo_12_2014_Oswald/Publica%C3%A7%C3%A3o/02_Artigos/Artigo%209_Marcus%20Vin%C3%ADcius%20Gomes_200%20a%20206.pdf . Acesso em: 27 maio 2021.

AZUL, Depoimento sobre os Impactos da pandemia COVID-19 para a visibilidade da cultura do cancelamento nas redes sociais. Entrevista concedida a Gêisa Claudia Gomes, Karen Camargo Arthou Sant' Anna dos Santos e Yara Evelyng Rabelo Souza. Em 1 de outubro de 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATTAGLIA, R. Uma breve história do cancelamento. **Superinteressante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/uma-breve-historia-do-cancelamento/>. Acesso: 12 de setembro de 2021.

BRANCO, Depoimento sobre os Impactos da pandemia COVID-19 para a visibilidade da cultura do cancelamento nas redes sociais. Entrevista concedida a Gêisa Claudia Gomes, Karen Camargo Arthou Sant' Anna dos Santos e Yara Evelyng Rabelo Souza. Em 1 de outubro de 2021

BERNARDINI, G.; GOBBI, M. C. Levante popular da juventude brasileira: Saímos do Facebook. **Mediação**, v. 15, n. 17, p. 112-122, 2013.

BICUDO, M. A. V. *et al.* **Sobre a fenomenologia**. Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba: Unimep, 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Bicudo/publication/298607417_Sobre_a_fenomenologia/links/5852c24608aef7do30a51565/Sobre-a-fenomenologia.pdf. Acesso em: 23 maio 2021.

BOYD JÚNIOR, H. W.; WESTFALL, R. **Pesquisa mercadológica: textos e casos**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

BRASILEIRO, F. S.; DE AZEVEDO, J. V. Novas práticas de linchamento virtual: fachadas erradas e cancelamento de pessoas na cultura digital. **Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación**, v. 19, n. 34, 2020. Disponível em: [novas práticas de linchamento virtual.pdf](#). Acesso em: 22 jun. 2021.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura: Vol. 1. A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CULTURA DO CANCELAMENTO: Qual o impacto e as consequências dos boicotes virtuais? **Uninovafapi**, out. 2020. Disponível em: <https://www.uninovafapi.edu.br/noticias/2020/10/28/cultura-do-cancelamento-qual-o-impacto-e-as-consequencias-dos-boicotes-virtuais>. Acesso em: 22 mar. 2020.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa. Lisboa: Angelo Francisco Carneiro Junior Tip. De Casimir, 1836.

DAUSTER, T. A Fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. **Revista Educação/PUC-Rio**, n. 49, p. 1-18, nov. 1999.

FREITAS, H. M.; CUNHA, M. V.; MOSCAROLA, J. Pelo resgate de alguns princípios da análise de conteúdo: aplicação prática qualitativa em marketing. In: ENANPAD. 20, 1996. **Anais [...]**. ANPAD Marketing, Angra dos Reis, 1996.

GOBBI, M. C. Nativos digitais: Autores na sociedade tecnológica. In: GOBBI, M. C.; KERBAUY, M. (Eds.). **Televisão digital: Informação e conhecimento**. São Paulo, SP: EUNESP Paulista, 2010. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/k8s27/pdf/gobbi-9788579831010.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. Adm. Empresa**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso)

75901995000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2021.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUIMARÃES, P. S.; BARBOSA, O. L. A Internet nunca esquece: Consequências da "Cultura do Cancelamento" no debate público. **Revista Pet Economia UFES**, v. 1, n. 2, p. 13-17, 2020.

KENOBY. **Tipos de entrevista**. 2020. (On-line). Disponível em: <https://kenoby.com/blog/tipos-de-entrevista/>. Acesso em: 25 abr. 2021

KOHN, K.; MORAES, C. H. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 30, 2007. **Anais [...]**. Intercom.org, 2007.

KOTLER, P. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEMONS A.; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma cyberdemocracia planetária**. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

LESTINGE, Sandra Regina. Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento. 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba.

MACIEL, Diogo Barbosa & BERBEL, Gustavo dos Santos. 2015. "**A representação do eu na vida cotidiana**". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>

MAGALHÃES, Camila. Veja como superar um cancelamento no tribunal da internet. Jovem Pan, 2021. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/opiniaio-jovem-pan/comentaristas/camila-magalhaes/veja-como-superar-um-cancelamento-no-tribunal-da-internet.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2021.

MAGRANI, E. **Democracia Conectada**. A Internet como Ferramenta de Engajamento Político e Democrático. Rio: Juruá, 2014. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/14106/Democracia%20conectada.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MALAVÉ, M. **O papel das redes sociais durante a pandemia**. Brasília, DF: Instituto Nacional de saúde da mulher, da criança e do adolescente, 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MALTA, D. C. *et al.* A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n4/e2020407/pt/>. Acesso em: 20 maio 2021.

MATURANA, Humberto R.; REZEPKA, SimaNisis de. **Formação humana e capacitação**. Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MONTEIRO, K. C. C. O consentimento informado na pesquisa em psicologia hospitalar. **Epistemo-somática**, v. 4, n. 1, pp. 84-92, 2008.

MOURA, M. L. S.; FERREIRA, M. C.; PAINE, P. A. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M. F. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1071-1077, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000400028&script=sci_arttext. Acesso em: 20 maio 2021.

PIRES, V. C. C. Gerenciando Crises na Era da Cultura do Cancelamento Virtual: Estudo de Caso Marca Boca Rosa Beauty. **Publicidade e Propaganda-Pedra Branca**, 2020. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/11404/Monografia%20-%20Gerenciamento%20de%20Crise%20X%20Cancelamento%20Virtual.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23 mai. 2021.

QUARESMA, V. B. S J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista eletrônica dos Pós-graduandos em sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 68-80, jun./jul. 2005.

RICHARDSON, R. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROXO, Depoimento sobre os Impactos da pandemia COVID-19 para a visibilidade da cultura do cancelamento nas redes sociais. Entrevista concedida a Gêisa Claudia Gomes, Karen Camargo Arthou Sant' Anna dos Santos e Yara Evelyng Rabelo Souza. Em 1 de outubro de 2021.

SANTOS, V. L.C; SANTOS, J. E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Holos**, v. 6, p. 307-328, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/204798543.pdf>. Acesso em: 21. maio 2021.

SILVA, A. F. 'Cultura do cancelamento: cancelar para mudar? Eis a questão'. **Revista Argentina de investigación Narrativa**, v. 1, n. 1, p. 96-107, enero/junio 2020.

SILVA, J. M. O.; LOPES, R. L. M.; DINIZ, N. M. F. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, p. 254-257, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a18v61n2.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

SILVA, L. R.; GUIMARÃES, R.; MOHEDANO, F. O. Estudo comparativo do consumo de conteúdos audiovisuais através de smartphones no Brasil e Espanha. **Revista Tecnologias em Projeção**, v. 10, n. 2, p. 17-27, 2019. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao4/article/view/1475>. Acesso em: 20 maio 2021.

SILVA, Maria de Lourdes. **A intencionalidade da consciência em Husserl**.2009.(On-line). Disponível em http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3500/1/2009_Art_MLSilva.pdf. Acesso em: 24 mai. 2021.

SOUZA, C. O. *et al.* AS redes sociais e as transformações sócio-culturais. **Revista Ambiente Acadêmico**, v. 3, n. 2, ago. 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/revista-ambiente-academico-v03-n02-artigo-07.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021

TAVARES, R. C. O sentimento de pertencimento social como um direito universal. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.**, Florianópolis, Santa Catarina, v.15, n.106, p. 179-201, jan./jun. 201. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2014v15n106p179/pdf_7. Acesso em: 07 mar. 2021.

THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology**. London: Methuen, 1970.

VERDE, Depoimento sobre os Impactos da pandemia COVID-19 para a visibilidade da cultura do cancelamento nas redes sociais. Entrevista concedida a Gêisa Claudia Gomes, Karen Camargo Arthou Sant' Anna dos Santos e Yara Evelyng Rabelo Souza. Em 1 de outubro de 2021.

VERMELHO, S. C. *et al.* Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. Trad. de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.